

Descrição de alguns conectores argumentativos nas línguas urdu e gujerati

NASEEMA SAIYAD
(Escola Secundária de Miraflores)

I

1. Preâmbulo

Feita, em primeiro lugar, uma referência acerca da origem e áreas de utilização destas línguas, e depois de uma breve alusão à estrutura das mesmas, ocupar-me-ei do tema principal desta comunicação.

Gostaria ainda de referir que o *corpus* aqui utilizado foi retirado da minha dissertação de Mestrado, subjugada ao tema da mentira, onde, aliás, este trabalho se enquadra, embora nele tenham sido feitas algumas alterações.

O objectivo desta comunicação é sobretudo proporcionar um contacto com línguas que não são muito conhecidas entre nós, facto que se torna relevante quando pensamos que muitos de nós lidam diariamente com membros de uma comunidade cuja língua materna é, quer o urdu, quer o gujerati¹

2. Apresentação das línguas urdu e gujerati.

2.1. Origem e áreas de utilização.

O urdu é a língua oficial do Paquistão, estendendo-se a sua área de utilização também pelo Norte da Índia e Bangladesh. Confunde-se, por vezes, com o hindi, língua oficial da Índia em geral. Urdu e hindi encontram-se erradamente associadas a duas culturas/religiões diferentes — a muçulmana e a hindu, respectivamente.

O que de facto acontece é que estas duas línguas são bastante similares no que diz respeito à fonética, residindo a diferença sobretudo na pronúncia e parte do léxico. No tocante à escrita, a língua urdu utiliza uma grafia que provém do árabe (apresentando uma grande influência das línguas árabe e persa) e escreve-se da direita para a esquerda; a grafia

do hindi provém do sânscrito e escreve-se da esquerda para a direita. A língua hindi/urdu é a língua materna de cerca de 245.000.000 pessoas.

Quanto ao gujerati, é uma das 14 línguas regionais que se falam e escrevem na Índia, e cobre a área do estado de Gujate. Esta língua deriva do sânscrito e é actualmente falada por cerca de 36.000.000 pessoas, tendo sido a língua materna de Ghandi.

2.2. A estrutura das línguas urdu e gujerati.

As línguas urdu e gujerati são muito semelhantes no que diz respeito à estrutura sintagmática e frásica. Existe uma série de partículas cuja função é declinar elementos do sintagma/frase. Daí que tanto a estrutura sintagmática como a frásica dos enunciados possa sofrer alteração sem prejuízo do sentido global do sintagma/frase, o que não acontece na língua portuguesa.

II

1. Algumas questões.

Com a inserção de conectores argumentativos nos enunciados, esta alteração da ordem na frase é, ou não, possível? Se sim, total ou parcialmente? Esta é uma das questões que irá nortear este trabalho. Um outro aspecto aqui abordado será o da tradução dos conectores apresentados: existe, ou não, a possibilidade de traduzir literalmente um determinado conector argumentativo? Será que o mesmo conector pode ser traduzido de várias maneiras, consoante os enunciados que associa?

Numa primeira parte, farei referência a conectores anti-orientados, sendo de seguida referidos os co-orientados, segundo a terminologia de Moeschler (1985). Serão também abordadas as condições factuais e não factuais, para utilizar a terminologia de Maria Helena Mira Mateus *et alie* (1989).

2. Os conectores anti-orientados têm *chatá* (चैम एचै), *panr* (पनर), *magar* (مگير) e *lekin* (ليکين).

Antes de iniciar a análise, será oportuno fazer uma breve referência à terminologia de Moeschler que é aqui utilizada. Este autor faz a distinção entre operador e conector argumentativo, sendo este último "(...) um morfema (de tipo conjunção de coordenação, conjunção de subordinação, advérbio, locução adverbial, etc.) que articula dois enunciados ou mais, intervindo numa estratégia argumentativa única"(Moeschler 1985: 62).

Os conectores argumentativos podem ser predicados de dois lugares ou predicados de três lugares. Dentre estes, existem aqueles cujos argumentos são co-orientados (*décidément, d'ailleurs, même*) e aqueles cujos argumentos são anti-orientados (*quand même, pourtant, finalement, mais*)"(Moeschler 1985: 63).

No exemplo seguinte, em gujerati, aparece um conector argumentativo anti-orientado:

(1) તમને દાગીના ગમ્યા ને પેટી ન ગમી તેમ છતાં તમે એમને પેટી આપવા માગો છો

“Tamnê dáguiná gamiya nê pēti na gamí (...) **têm chatá** tamê êm nê pēti ápwá mángô chô nê dáguiná játê pachawi páró chô (...)”

“Você gostou das jóias e não gostou da mala (...) **no entanto** você pretende dar-lhe a mala e ficar com as jóias para si (...)”.

Este conector argumentativo pode ser, substituído por “**panr**” que se traduziria por “**mas**” na frase acima citada, o que também acontece na seguinte frase:

(2) હું હમણે જ મોતી લઈ ને આવું છું. પણ તું આ હંસને છોડી દે

“Hun amrāj mōti lei awun chun **panr** tu á hans nê chōri dé (...)”

“Eu trago-te já a pérola **mas** (primeiro) larga o cisne”.

No entanto, se observarmos com alguma atenção o conteúdo destas duas frases, verificaremos que enquanto na primeira frase o conector argumentativo aponta para a ambivalência existente na atitude do sujeito agente, não havendo nela qualquer tipo de condição, na segunda frase encontra-se implícita uma determinada condição (largar o cisne) para que algo se realize. Penso que poderemos considerá-la uma condição não factual, de que falaremos adiante. Quanto à segunda frase, o conector “**panr**” não poderia de modo nenhum ser substituído por “**têm chatá**”.

Podemos, portanto, dizer que enquanto “**têm chatá**” é um conector argumentativo que aponta para a atitude ambivalente de um sujeito agente, “**panr**” tanto pode ocorrer nesta situação, como num enunciado em que existe uma condição não-factual implícita.

Em português, na frase (1), **no entanto** poderia ser substituído por **mas** sem prejuízo relevante do conteúdo da frase.

Em urdu, o conector anti-orientado utilizado no lugar de “mas” é “magar”, como em:

(3) دونوں میں خوب جنگ ہوئی مگر ایک دوسرے کو مغلوب نہ کرسکے

“(...) dōnō mem khub jang huwi **magar** ek dusrê kô maghclub na kar sakê”.

“(...) ambos lutaram muito **mas** nenhum conseguiu derrotar o outro”.

“Lekin” tem o mesmo valor e poderia ser utilizado na frase (3), bem como na seguinte:

(4) مڪار بلیٰ دل میں تو بہوت خوش هوئی لیکن ظاہر میں انکے انے (4)
کو نہ پسند کیا

“Makkár billi dil mem tô bahot khush huwi **lekin** zâhir mem unke ânê kô (...) na pasand kiyâ (...)”.

“O gato hipócrita ficou muito contente **mas** [por fora] mostrou-se descontente com a vinda deles”.

“Lekin” e “magar” apontam para a ocorrência de situações contrárias. Também poderiam ocorrer numa situação de condição não factual, análoga à referida em (2).

Note-se que em gujerati existem conectores anti-orientados apropriados para cada uma destas situações: a ambivalência existente na atitude do sujeito agente e a condição não factual.

Em urdu existem dois conectores que podem ser utilizados nas duas situações acima referidas.

Em português é aceitável considerar que **mas** pode ser utilizado nas duas situações.

3. Os conectores co-orientados.

3.1. As conjunções coordenativas copulativas ने (nê) e اور (ór) com valor de conector argumentativo.

Tenha-se em conta o seguinte enunciado (em língua gujerati):

(5) એમ મેં કહેલું જે હું તમને પેટી આપું છું

“(...)êh mem kahêlum **nê** hum tamenê pêti apum chum(...)”

(...)“foi isso o que eu disse e estou a dar-lhe a mala”(...).

O valor de “nê” (ने), aqui traduzido por “e”, é o de um conector argumentativo que se poderia traduzir por “e por isso”. Com efeito, o enunciado acima transcrito faria mais sentido se, a seguir a “e”, acrescentássemos “por isso” ou “como tal”.

A partícula “nê” tem também, noutro contexto, o valor de conjunção copulativa coordenativa “e”, tal como se verifica no sintagma “dêrká **nê** kajbâ” (देरका ने कायबा), traduzível por “rãs e tartarugas”. Esta partícula pode ter também o valor da preposição “a” como na frase:

(6) सरौवरमां रहेती अेक माछलीने ने कांठे रहेता अेक हंसने भाईबंधी थई गई

"Sarôwar má rehti ek máchli **nê**, nê kánthé rehta ek hans **nê**, bhai bandhi thei gayī", que se pode traduzir por "A um cisne que vivia nas margens e a um peixe que vivia no lago, aconteceu a amizade".

Muitas vezes, "nê" (ने) aparece sob a forma de "anê" (अने) como na frase:

(7) हंस मोटा - मोटा वन अने दुंगरानी वातो करे अने मछली

"Hans môta môta wan **anê** dungrá ni wát karê **anê** máchli (...)" que se traduz por "O cisne falava de grandes florestas e montes e o peixe (...)".

"Nê" e "anê" podem ser indiferentemente substituíveis quando representam a conjunção coordenativa copulativa com ou sem valor de conector argumentativo. Quando se trata de uma preposição, apenas se pode utilizar "nê".

Esta conjunção coordenativa copulativa aparece, na língua urdu, sob a forma de اور ("ór"), como em **Ek háthi ór guádar** ("Um elefante e [um] chacal").

Também nesta língua, "ór" (tal como "nê" em gujerati) pode aparecer como conector argumentativo. Veja-se o seguinte exemplo (8):

(8) لیے شخص اللہ نے سے تم سے ساقط کر دیا اور اسکو تم پر فرض نہیں کیا اور۔
تم خود تو اسکی پرستش نہیں کر رہے اور دوسروں کا تم پر بوج بہار نہیں
اور اطراف عالم میں اللہ کے بہتیرے نبی ہیں اگر وہ چاہتا تو کسی نبی کو
اس طرف بھیج دیتا اور وہ نبی اس درخت کے کات دالنے کا لوگوں کو حکم
دیتا

"(...) ei shakhse, Allah nê yê tumsê sáqit kardiyá ór usko tum par farze nahim kiyá ór tum khud tô uski parastish nahin kar rahe ór đusrō ká tum par bôj bhár nahim ór itráf-é-álam mem Allah kê bohteirê nabi hê agar wô cháhtá tô kisi nabi kô is taraf bhêj dêtá ór wô nabi us darakht kê kát dálnê ká logō ko hukme dêtá (...)"

"(...) Ó homem, Deus não te deu essa responsabilidade, e isso não foi tornado obrigatório para ti; e tu próprio não a adoras [à árvore] e tu não és responsável pelos pecados dos outros e no mundo dos crentes há muitos profetas de Deus, se Ele quisesse enviava para aqui algum profeta e esse profeta daria ordens para que se cortasse essa árvore".

Neste excerto Satanás tenta enganar o homem e dissuadi-lo de cortar uma determinada árvore. No seu discurso argumentativo, Satánás utiliza recorrentemente a conjunção coordenativa copulativa. No entanto, podemos verificar que também aqui esta conjunção aparece enquanto conector argumentativo co-orientado. No português actual, esta conjunção coordenativa copulativa também pode aparecer com valor de conector argumentativo, tal como no exemplo dado por Maria Helena Mira Mateus *et alie* “O Pedro não estudou e chumbou no exame”(1989:141). No entanto, a utilização sucessiva desta conjunção, com valor de conector argumentativo, não é muito recorrente e, sempre que aparece uma situação semelhante à do texto em urdu, acima citado, acrescentam-se, à conjunção, expressões como “afinal”, “além disso”, “para além do mais”, etc.²

Como se vê pelo acima exposto, tanto na língua urdu como na gujerati, é usual utilizar a conjunção “e” com valor de conector argumentativo co-orientado. Esta ocorrência talvez tenha uma explicação socio-cultural: é que as culturas a que estas línguas se encontram ligadas são muito tradicionalistas — daí que a tradição se tenha mantido também a nível do sistema linguístico, que terá sofrido pouca alteração ao longo dos tempos.

3.2. Os conectores causais progressivos तेथीज (tê thij) e لہذا (lihaza).

Utilizámos aqui a terminologia proposta por Marie-Jeanne Borel (1983), para quem os conectores que encadeiam duas orações ligadas por “por isso”, são do tipo causal progressivo sempre que a sequência discursiva parte de uma premissa em direcção a uma conclusão.

Veja-se o seguinte exemplo:

(9) એકલા ગમતું નહીં તેથીજ મ તમને બધાને યુપર બોલાવેલ છ

“(...) êklá gamtú nahin **tê thij** mem badhá né upar bolawêl chê(...)”

“(...) não gostei de estar aqui sozinho **por isso** chamei-vos a todos cá para cima(...)”.

Neste caso, a partir da premissa “não gostei de estar aqui sozinho” e por meio do conector “por isso” chega-se à conclusão (ou consequência) “chamei-vos a todos(...)”. Este conector estabelece uma relação de causa entre as duas orações. Sendo A a solidão do sujeito agente, e B o facto de ele ter chamado os outros, A é a causa de B, e B é a consequência de A (logo, B é um acto de “conclusão” por ser precedido pelo facto/premissa A).

A tradução literal de “tê thij” seria “com isso mesmo”, pelo que se pode dizer que não há hipótese de se fazer uma substituição directa de “tê thij” por “por isso”, tendo que recorrer ao contexto para determinar a tradução.

Em urdu, este conector poderia ser substituído por “lihaza” na frase acima referida, se traduzida para urdu, bem como na seguinte frase:

(10) تیری نیت حصولِ آخرت تھی لہذا اللہ نے مجکو تیرا مسخر بنا دیا (10)

“(...) teri niyat hosul-ê-âkhirat thi **lihaza** Allah nê mujko têrá musakh-khar baná diyá(...)”.

“(...) a tua intenção era a obtenção do Céu **por isso** Deus fez com que tu me dominasses(...)”.

Também aqui, sendo A a intenção de obter o Céu e B dominar Satanás, A é a causa de B, e B é a consequência de A.

Tanto “lihaza” como “tê thij” parecem ser conectores causais progressivos ou ainda, segundo a terminologia de Maria Helena Mira Mateus *et allie* (1989), condições factuais, em que A é condição para que B aconteça.

Tanto em urdu como em gujerati, estes conectores não podem ser utilizados trocando a ordem do antecedente e do conseqüente, pois estabelecem uma relação de causa —> efeito. A alteração da ordem provocaria um efeito de estranhamento, e não faz parte dos hábitos linguísticos destas línguas. Em português, essa alteração poderia ocorrer, embora houvesse uma ligeira modificação no que diz respeito a aspectos semânticos, pragmáticos e comunicativos (esta questão é abordada por Óscar Lopes (1991).

No caso dos conectores co-orientados, acima descritos, estávamos perante uma situação de condição factual, na terminologia de Maria Helena Mira Mateus *et allie* (1989). Seguidamente, serão analisadas e descritas algumas situações de condição não factual ou hipotética (já referida a propósito do exemplo 2).

4. A estrutura condicional em urdu e gujerati.

A condição não factual ou hipotética remete sempre para um acto futuro, inserido num mundo possível. É o que acontece nos casos que se seguem.

Veja-se a seguinte frase:

(11) मने पेली मोती जेजुंज बीजुं मोती लावी आपे तो तारा भाईबंधने छोडुं

“Manê pêlá moti jewunj bijun môti láwi ápê **tô** tárá bhai bandh nê chorun”.

“Se me trouxeres outra pérola igualzinha à primeira, **só então é que** largarei o teu amigo”.

Como se vê pela comparação das duas frases, na língua gujerati, a segunda partícula da formulação da condição (então, traduzido por “tô”) é a que aparece mais explicitamente. Curiosamente, esta partícula pode ser facultativa em português. Em relação a “se”, este pode ser traduzido por “jô” (“jô”) e ocorre no início da frase. Note-se que, em gujerati, é esta a partícula que é facultativa. Para que haja condição, basta que o verbo contenha o morfema adequado (neste caso, “ê” em “ápê”), e a ocorrência de “tô”.

Muitas vezes, a partícula que substitui “então”, não é aquela que acima foi utilizada. Veja-se a seguinte frase:

(12) તું પેલું મોતી પાછું આપે એટલે એ મોતીના જેવું જ મોતી શોધી કાઢીને હું તને આપીશ

“Tu pêlum môti páchu ápê êtlê ê môti ná jêwunj môti shôdhi kádhi nê hum tanê ápish”.

“Se tu me devolveres a primeira pérola, aí eu procurarei (conseguirei procurar) uma pérola igualzinha a essa e dar-ta-ei”.

Tanto તો (“tô”) como એટલે (“êtlê”) impõem condições para a execução de um acto. No caso de “tô”, a execução desse acto depende da “boa vontade” por parte do sujeito falante — este apenas estaria disposto a fazer algo que fosse do interesse do sujeito ouvinte, na condição de este (ouvinte) fazer o que o sujeito falante pretendia. Está-se aqui perante uma condição pré-estabelecida e imposta pelo sujeito falante. Neste caso específico, se o peixe fizesse o que o caçador queria, este faria o que o peixe queria (libertar o cisne).

No caso de “êtlê”, o peixe impõe uma condição que é necessária para a realização daquilo que o caçador queria. Sem a execução do acto que o peixe exige ao caçador (trazer a primeira pérola), o acto do peixe (conseguir encontrar uma pérola igualzinha à primeira) não seria possível, nem que ele o quisesse. (Existe neste conto uma situação de logro que ocorre precisamente devido à utilização do conector “êtlê” em vez de “tô”, e que deixa subentender que a execução da acção por parte do peixe só seria possível se o caçador trouxesse a primeira pérola).

Em suma, “tô” é um conector que indica uma condição imposta, e que depende da vontade do sujeito falante, enquanto “êtlê” é um conector que indica uma condição necessária para a execução do acto pretendido, sem a qual esse acto (neste caso específico, encontrar uma pérola igual à primeira) não pode ser levado a cabo.

Em urdu, as partículas da condição são também “jô” e “tô”. Veja-se a seguinte frase (13):

(۱۳) جو کسی طرح سے بے مارا جائے تو ہم کو بافراغت چار مہینے کی خوراک
مانہ لگے

“Jô kisi tarha sê yê mârâ jáyê tô hamko bá-farághat chár mahinê ki khôrák háth laguê”.

“Se de algum modo ele for morto, então poderemos ter comida durante quatro meses”.

Antes de mais, convém salientar que o morfema “ê”, que marca o modo condicional em جائے (“jayê”), não foi aqui assinalado uma vez que a condição se encontra explicitamente marcada por جو (“jô”). Note-se que tanto em gujerati como em urdu, as

partículas que marcam a condição são as mesmas (“jô...tô”). Além disso, também em urdu, a partícula “jô” é facultativa. Nesta língua existe também a partícula اگر (“agar”), que pode substituir “jô” (Na frase acima transcrita essa substituição poderia ser feita sem qualquer alteração do sentido da frase).

Na frase seguinte (14), aparece uma outra forma de estruturar a condição:

(۱۴) تو بس اپنی جگا واپس ہو جا اور میرے نامہ ہے کے روزانہ تیرے سر کے
نیچے دو دینار رکھ جایا کرونگا

“(...) **tô** bas apni jagá wápis hôjá **aur** mêmê zimmê hê rôzáná têrê sar kê nichê dô dinár rakh jáyá karungá”.

“(então) volta para o teu lugar e eu tomo a responsabilidade de colocar, todos os dias, dois dinares por baixo da tua almofada”.

“Então” tem o valor de “neste caso”, “sendo assim”, etc.

Nesta frase, a condição é exposta do seguinte modo: “faz x e eu farei y” (este tipo de condição já apareceu na frase 12).

Em conclusão, pode-se ver pelo acima exposto que também nas línguas urdu e gujerati existem conectores argumentativos anti e co-orientados. Muito embora em termos estruturais estas línguas sejam completamente diferentes da língua portuguesa, na medida em que os sintagmas não ocorrem, naquelas línguas, na mesma sequência que na língua portuguesa, a ordem das orações ligadas por conectores não se altera. O mesmo se verifica em relação à expressão da condição, pois a ordem das frases não se altera, o que não se passa em relação aos sintagmas dentro de uma frase, devido à presença de morfemas de declinação referidos no início. É também curioso notar que, enquanto nas línguas gujerati e urdu, a partícula correspondente a “se” é facultativa, na língua portuguesa é “então” que é facultativo.

NOTAS:

1. A tradução de textos escritos em urdu e gujerati torna-se bastante complicada não apenas devido a toda uma estrutura sintagmática e frásica que, por vezes, é necessário alterar, como também devido à existência, entre outros, destes conectores argumentativos que impossibilitam uma tradução literal (ou linear).
2. A reincidência dessa conjunção com valor de conector argumentativo pode verificar-se em textos portugueses mais antigos.

BIBLIOGRAFIA:

- BOREL, M.-J., 1983, "Sur l'activité du raisonnement" in *Travaux du Centre de Recherches Sémiologiques*, 44, Neuchâtel, pp. 1-26.
- HALSEY, William D. (dir.), 1950, "Gujarati", "Hindi" in *Collier's Encyclopedia vol. 11 e 12* (1990), pp. 523 e 127, New York, Macmillan Educational Company.
- LOPES, Óscar, 1991, "Da partícula pois ao conceito de apodeixis" in *Actas do VII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, Fac. de Letras, pp. 179-192.
- MANGAT, B. et alli, 1989, *Hindi Urdu Bol Chaal*, London, BBC Language Courses.
- MIRA MATEUS, M. H. et allie, 1989, *Gramática da Língua Portuguesa* (2ª edição revista e aumentada), Lisboa, Caminho.
- MOESCHLER, J., 1985, *Argumentation et conversation. Éléments pour une analyse pragmatique du discours*, Paris, Crédif-Hatier.